

# DESCONSTRUINDO AMÉLIA: UM OLHAR SOBRE A MULHER BRASILEIRA ATRAVÉS DA MÚSICA DE PITY

BRAGA, Caroline Furue <sup>1</sup>  
VICENTE, Jones Ferreira <sup>2</sup>

## RESUMO

A presente pesquisa propõe um estudo sobre a música “Desconstruindo Amélia” de 2009, composição da cantora Pitty com Martin Mendonça, com o objetivo de identificar e analisar a construção e desconstrução da imagem da mulher moderna brasileira e de sua busca por igualdade e completa autonomia, representada pela figura de Amélia citada na obra, assim como suas referências e contextos históricos que contribuem com a construção do peso significativo que esse nome possui. Este trabalho tem como pressuposto teórico a Semiótica desenvolvida pelo autor linguista Algirdas Julius Greimas (1975, 1979), que concebe o processo de produção de sentido no texto como percurso gerativo, partindo de uma visão simples e abstrata até a construção de uma análise mais complexa e concreta.

## PALAVRAS-CHAVE

Amélia; desconstrução da mulher; Pitty; Semiótica narrativa e discursiva.

## 1. INTRODUÇÃO

Escrever a história das mulheres é uma tarefa bastante difícil, pois segundo Perrot (2007, p. 21), houve um apagamento da figura feminina na história, “[...] seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, todos destruídos”, ou seja, houve um silenciamento da memória feminina.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras – FIRA – Faculdades Integradas Regionais de Avaré. – 18700-902 – Avaré – SP – Brasil – Caroline\_furue@hotmail.com

<sup>2</sup> Docente do Departamento de Letras – FIRA – Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 – Avaré-SP – Brasil – prof.jones@fira.edu.br

Ao longo da história, as mulheres têm lutado por seus direitos de trabalhar, votar, ter autonomia e liberdade, ou seja, pelo direito de ser protagonista de sua própria vida, estudar, escolher casar ou não, ter filhos ou não, cuidar da casa ou não.

Essa luta é de longa data e constante, e tem seus reflexos em diversos âmbitos da arte, que é usada como forma de expressão. A música é um deles e, através dela, pode-se observar como os pensamentos eram diferentes em determinadas épocas e como muitos significados foram alterados com o tempo.

Observa-se, por exemplo, que na sociedade atual o nome “Amélia” é visto como algo negativo e associado a mulheres que vivem em função de cuidar da casa, do marido e dos filhos, passando a ter um significado avulso, além do uso como nome próprio, sendo associado como uma característica. Mas esta nem sempre foi a realidade do dito nome, já que o mesmo foi visto de outra forma em uma sociedade de outra época, ou seja, em um outro contexto histórico como veremos a seguir.

Esta pesquisa, portanto, irá trabalhar com a construção e desconstrução da imagem da mulher através da análise da canção “Desconstruindo Amélia”, composta por Pitty e Martin Mendonça. A mesma possui diversas referências sobre essa luta feminina por maiores direitos ao longo de seus versos, mas o maior deles talvez seja no título, que faz uma ligação direta com a canção “Ai, que saudades da Amélia”, de Mário Lago e Ataulfo Alves. Esta, que foi composta no ano de 1942 e reflete como era a idealização da mulher.

O percurso metodológico fundamenta-se na teoria Semiótica proposta por Greimas (1975, p. 67), pois segundo ele, cabe à Semiótica uma metodologia que possa dar conta do significado, no sentido amplo, uma vez que, o plano da manifestação, que reúne uma expressão e um conteúdo, não poderia constituir lugar satisfatório de análise sem que se tomasse significado e significante e se ultrapassasse esse nível para analisar as unidades mais profundas.

## **2. BREVES CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE A SEMIÓTICA**

As transformações narrativas articulam-se numa sequência canônica, assim chamada, porque, de um lado, revela a dimensão sintagmática da narrativa e, de outro, mostra as fases obrigatoriamente presentes no simulacro da ação do ser humano no mundo. Ou seja, as narrativas apresentadas nas canções denotam o contexto sócio histórico ainda que estruturadas e constituídas em níveis de profundidade (fundamental, narrativo e discursivo), cada um com uma sintaxe e uma semântica próprias, que compreendem o percurso gerativo de significação.

Observa-se que Amélia metáforiza comportamentos e atitudes diferentes em contextos históricos distintos, através de marcas constitutivas que lembram detalhes e a importância do comportamento feminino naquele contexto temporal.

A Semiótica, portanto, seja qual for a vertente, oferece base conceitual para a realização de leituras das diferentes linguagens. Neste sentido, ter como amparo um diálogo entre teorias da Semiótica e da Linguística, com o intuito de orientar a análise e a interpretação das produções discursivas – materializadas em textos na sociedade como é o caso da canção “Desconstruindo Amélia” – possibilita o entendimento dos sentidos construídos e desconstruídos no decorrer da história.

Hjelmslev (2006, p. 39) considera o sentido “como substância de uma forma qualquer”, tanto no plano do conteúdo como no plano da expressão. De acordo com Pais (1997, p. 222), um discurso é decorrente dos discursos que o antecederam e a produção de um discurso característico só ocorre quando são utilizados os signos e as leis combinatórias que pertencem aos demais membros de determinado grupo.

Ao trazer a este contexto os postulados da Semiótica narrativa e discursiva, compreende-se que, ao lidar com o leitor contemporâneo nos cenários das práticas sociais – o que se observa na maioria dos casos, principalmente nas artes – é que, o sujeito leitor, interpretante das realidades sociais, está em constante mudança e compreende essas transformações dentro do contexto sócio histórico.

### 3. SOBRE PITY E A CANÇÃO

Pricilla Novaes Leone, conhecida posteriormente como Pitty, é atualmente cantora, compositora, apresentadora. Nasceu em 7 de outubro de 1977 em Salvador, Bahia, estudou música na Universidade Federal da Bahia e, após ter sido parte das bandas Shes e Inkoma, passou a ser vocalista da banda Pitty, que adotou o nome da cantora como seu. Teve como inspiração musical Raul Seixas, Nirvana, Metallica, além de Elis Regina, Rita Lee, Nina Simone e a filósofa existencialista Simone de Beauvoir como figuras femininas que tiveram, e ainda têm, grande influência para ela.

A roqueira apoia a luta das mulheres pelos seus direitos e igualdade, e desde o começo da carreira viveu uma luta constante contra a visão social de que ela teria que ser mais delicada e produzir músicas suaves no estilo MPB, ao invés das batidas mais pesadas do rock *hardcore*, que era o estilo com o qual ela se identificava.

Em 10 de junho de 2017, durante sua participação em um dos palcos do festival João Rock, evento anual que ocorre em Ribeirão Preto, cidade do interior de São Paulo, a cantora falou sobre ser a única mulher representando o rock naquela noite e expôs o desejo de que mais vozes femininas pudessem ser ouvidas em eventos como aquele. Poucos meses depois, em uma entrevista para o *Yahoo! esportes* (2017), quando questionada sobre o assunto da representatividade das mulheres nesse tipo de eventos, Pitty declarou:

Pensando em festivais de outros estilos ou mais misturados, a gente percebe que essa lacuna feminina tem bastante a ver com o rock, que é considerado masculino do ponto de vista do estereótipo mesmo: uma energia viril, forte, barulhenta, agressiva; elementos que não são associados comumente às mulheres. Por isso é importante ter mais e mais mulheres presentes em contextos como esse, para quebrar esse padrão e subverter esse estereótipo. A mulher pode ser o que ela quiser, e muitas têm essa energia viril. É importante respeitar isso. A figura da diva pop, da MPB, ou a que canta com voz de anjo é mais aceita porque é mais associada com o ser mulher. É leve, delicado, adequado. Mas existem outras vozes, outras possibilidades e outras formas de expressão, então vamos aí abrindo caminho para isso também. Quando comecei a cantar, na minha banda de hardcore, a surpresa era porque era uma mulher fazendo som pesado. Mas você, desse tamanho, uma menina tão bonitinha! Como pode? Pois é, pode. (Yahoo!esportes, 2017)

Suas composições são bem recebidas pelo público e costumam ter críticas ou referências em seus versos, o que também é o caso da canção trabalhada nesta pesquisa. “Desconstruindo Amélia” foi composta pela cantora com a participação de Martin Mendonça e teve seu lançamento com o álbum *Chiaroscuro* no ano de 2009.

A começar pelo nome do álbum, é um termo que significa claro e escuro e é uma técnica utilizada pela fotografia que enfatiza os contrastes entre luz e sombra de diversas formas, podendo resultar em imagens mais expressivas. É, também, uma técnica de pintura da época renascentista e utilizada pelo pintor Leonardo da Vinci.

Na dita canção, é possível encontrar mais referências: uma menção direta a Honoré de Balzac, autor de “A mulher de 30 anos” de 1842 nos trechos “Hoje aos trinta é melhor que aos dezoito / Nem Balzac poderia prever” e indireta à filósofa existencialista Simone de Beauvoir nos versos “Já não quer ser o outro / Hoje ela é um também”, fazendo referência a sua obra “O segundo sexo” de 1949, publicado no Brasil em 1970, no qual é dito que a mulher é “o outro”, conforme constará na análise mais adiante.

Também é encontrada a primeira e mais direta referência logo no título, já que o nome Amélia tem ligação direta com o samba da década de 1940 “Ai, que saudades da Amélia” de Mário Lago e Ataulfo Alves.

#### 4. A MULHER BRASILEIRA E O FEMINISMO

O Brasil foi formado pela mistura de muitas culturas, conceitos e costumes diferentes, que desde o início foram se sobrepondo e moldando a população, e na maioria deles, a imagem da mulher não era muito diferente. Sempre submissa e servindo à família, não contestando, não tendo voz, não possuindo os mesmos direitos que os homens. Mas será mesmo que nunca foi contestado o que era atribuído a elas?

Em 1932 ocorreu a liberação do voto feminino no país, fato que nos leva a perceber que houve mulheres que queriam mais do que lhes era imposto, mesmo que existisse uma desigualdade muito grande, principalmente pelo voto ainda ser inacessível às que fossem analfabetas e poucas tinham liberdade e condições de estudar. Mas pouco temos registro de outros tipos de manifestações buscando mais direitos e autonomia da mulher sobre suas vidas.

É nesse contexto que, em 1942, a música “Ai, que saudades da Amélia” foi recebida pela sociedade, que via essa Amélia como uma mulher perfeita e idealizada.

Poucos anos depois, especificamente em 1949, foi publicado na França o livro “O segundo sexo” da filósofa existencialista Simone de Beauvoir, que foi duramente criticada por conter conceitos a respeito de gênero e igualdade. Obra esta que chegou ao nosso país somente em 1970. Beauvoir (1970) diz que:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. (BEAUVOIR, 1970 P. 9)

Com discursos muito parecidos, o feminismo é um movimento social ainda mais antigo, tendo historiadores que declaram o seu início em meados da época da Revolução Francesa, que ocorreu entre 1789 e 1799, com reuniões ministradas e atuadas exclusivamente por mulheres. Segundo Alves e Pitanguy (2003, p. 09), “o feminismo busca repensar e recriar a identidade de sexo sob uma ótica em que o indivíduo, seja ele homem ou mulher, não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados”.

Apesar de ser um movimento antigo, encontramos artigos e livros que citam o feminismo no Brasil começando nos anos de 1960 ou 1970, já que anterior a essas datas pouco se tem registros de mulheres que lutavam por seus direitos.

Caladas pela sociedade patriarcal e ainda tendo que lidar com o período ditatorial do país, a luta pelos direitos femininos no país não tem longa data, mas é muito presente atualmente.

A mulher moderna ainda é criada com o pensamento de que deve se casar, ter filhos, cuidar da casa e da família, cozinhar, lavar, passar. Mesmo quando atinge altos níveis de estudo e consegue uma boa profissão, ainda há uma grande cobrança social pelo casamento e maternidade, sendo dito que ela não é completa sem esses dois fatores. Sendo assim, é muito comum que mulheres trabalhem e ainda cheguem em casa e precisem cuidar da casa, dos filhos, do marido, tendo a dita dupla jornada de trabalho como obrigação social. É essa figura feminina que é retratada na canção trabalhada nesta pesquisa.

## 5. AMÉLIA: APENAS UM NOME?

Conforme pesquisa realizada no Dicionário de Nomes Próprios<sup>3</sup>, vemos que Amélia é um nome próprio feminino, variante do germânico Amália, que se originou do termo de mesma língua *amal*, cuja tradução seria “trabalho”. Apenas com esse conceito, o dito vocábulo poderia ser, nos dias atuais, um nome que traria uma conotação de mulher “guerreira”, trabalhadora, que é esforçada e persegue seus objetivos. Porém, Amélia é carregado de um conceito social após ser usada na tão famosa música “Ai, que saudades da Amélia”, de Mário Lago e Ataulfo Alves, em 1942.

Voltando a esse período, percebe-se que o samba foi muito bem recebido pelo público, tanto nacional quanto internacional, o qual recebeu essa Amélia como uma mulher companheira, compreensiva e doce, que sempre estava ao lado de seu marido, não importando as dificuldades. Esse era, então, o ideal feminino para a sociedade, já que ressaltava a beleza que residia nesse comportamento tão admirado.

Mas, com o passar dos anos e a com mudança da visão das mulheres sobre o mundo – e do mundo sobre elas – os conceitos sobre o dito nome sofreram alterações. Segundo o dicionário *online* Priberam, “amélia” define-se como “substantivo feminino informal e depreciativo de mulher meiga e serviçal”, já o dicionário *online* Michaelis define “amélia”

---

<sup>3</sup> Dicionário *online* de nomes. Disponível em:

<<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/amelia/>>. Acesso em maio de 2021.

como “substantivo feminino coloquial de mulher apática e serviçal que, por amor a seu homem, aceita passivamente todo tipo de humilhações e privações”.

Observa-se que, nos dois dicionários, o vocábulo consta como um substantivo comum e não próprio, uma vez que consideram sua grafia sem iniciar com a primeira letra maiúscula, sendo possível o uso sintático em frases como “essa mulher é uma amélia”.

É possível notar também que os significados atribuídos possuem conotação totalmente negativa, remetendo a submissão, tendo “serviçal” como escolha de palavras em comum entre ambos e o uso de um deles por termos mais agressivos, como “apática”, humilhações” e “privações”.

Portanto, longe de ser apenas um nome bonito, Amélia é, atualmente, associado a uma expectativa que já não é mais aceita por parte da sociedade, após as mulheres terem conquistado tanto e ainda buscarem por mais respeito, igualdade e liberdade.

## 6. DESCONSTRUINDO AMÉLIA NUMA PERSPECTIVA SEMIÓTICA

É por meio da linguagem que o mundo se estrutura significativamente, refletindo efeitos, influências e poder, e o sujeito, como parte deste mundo, se refere e se constitui como tal. Então, pela proposta do tema, desconstruindo Amélia, partimos do óbvio que só é possível desconstruir algo que foi construído, ou seja, Amélia nomeia e adjetiva historicamente o sujeito. Assim, adianta-se que, em dado momento, haverá alguma mudança na constituição dos sentidos desse nome. Também surge a primeira (e talvez principal) referência, já que o nome aqui utilizado, como foi dito anteriormente, não é apenas um nome próprio e tem uma grande construção social embutida após ser usada na tão conhecida canção supracitada.

A prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosália Maria Netto Prados afirma que:

A Semiótica é uma teoria descritiva e explicativa centrada nas relações internas do texto, liga a efetuação do sentido com a enunciação viva, numa interação estreita entre o leitor e o texto, ou o enunciatário leitor e o texto literário. É a apreensão da palavra em ato, estuda a capacidade humana de discursos e suas contradições e os processos de construção do ‘saber social’, ou seja, do saber compartilhado. (PRADOS, 2010 pg. 123)

Portanto, entender os sentidos historicamente atribuídos a “Amélia” a partir dos conceitos da Semiótica possibilita a reconstrução do processo discursivo, pois é possível não só um estudo de sistemas de valores do contexto sociocultural, para um estudo do discurso

presente no texto literário, no caso as músicas apresentadas aqui, mas também da ‘afetividade’, enquanto efeito de sentido inscrito e codificado na linguagem que caracteriza esse universo discursivo.

Em “Amélia”, o sujeito da enunciação não cria apenas as relações sintáticas dos elementos do discurso, mas instala também sua coerência semântica, possível pelo revestimento dos valores do nível narrativo em temas (disseminados em percursos temáticos) e o seu recobrimento por figuras (disseminadas em percursos figurativos como: mulher de verdade, sem vaidade), produzindo a ilusão referencial e criando efeitos de sentido de realidade que asseguram “a relação entre o mundo e o discurso” (Barros, 1988, p 113)

Nota-se a ausência de um artigo feminino no título da música referente a “Amélia”, reforçando que a desconstrução a ser feita ao longo desse processo será de um conceito, e não de uma única mulher. Aqui, essa “Amélia” representa a mulher moderna, portanto a desconstrução é da imagem que se tem da mulher sendo atualizada, pois já não cabe mais aquela que se tinha na época da canção da década de 1940.

Nos primeiros versos da canção “Desconstruindo Amélia”, interpretada por Pitty, nota-se a construção de Amélia, como se observa a seguir:

[Verso 1]  
 Já é tarde, tudo está certo  
 Cada coisa posta em seu lugar  
 Filho dorme, ela arruma o uniforme  
 Tudo pronto pra quando despertar  
 O ensejo a fez tão prendada  
 Ela foi educada pra cuidar e servir  
 De costume esquecia-se dela  
 Sempre a última a sair. (PITTY; MENDONÇA, 2009)

O trecho indica que já passa do horário de descansar, mas alguém esteve organizando tudo enquanto o filho dorme. Percebe-se a partir do uso do pronome feminino “ela” (3º verso) e da menção a um filho (4º verso), que trata-se de uma mulher, mãe e responsável pelos afazeres domésticos. Também pode-se notar que ela faz tudo sozinha, sendo casada ou não, já que não há menção alguma a um suposto marido. Socialmente, é normalizado pensar que o mesmo apenas “ajuda” em casa, ficando incumbido à esposa sempre cuidar da casa e filhos, pensamento que é reforçado nos versos seguintes, com termos como “prendada” e “educada pra cuidar e servir” (5º e 6º versos).

Nesses mesmos versos, observa-se que a mulher possui uma educação pautada no patriarcado e que a conduz a “servir” a um marido e filhos, não tendo voz e sendo acostumada a ser deixada de lado e não pensar nela mesma (7º verso). Ela, também é “sempre a última a

sair”, seja sair da casa, ficando sempre para trás, arrumando a bagunça dos outros ou mesmo se colocando em último lugar, enfatizado pelo advérbio de tempo “sempre”.

A mulher, na sociedade patriarcal, costuma ter uma criação voltada para os afazeres domésticos, tendo que ser delicada e sutil, desde a escolha de brinquedos logo na infância, com uma predominância de jogos de panelas cor-de-rosa, por exemplo, e quando menina, precisa usar vestido e ser comportada quando cresce. Mesmo quando se é mãe, existe a licença maternidade que dura muito mais que a licença paternidade, como se a criação desse bebê já fosse obrigação exclusiva da mulher, o que poderia ser melhorado com um aumento do tempo em que o pai fica em casa, participando dessa fase, que é de grande importância.

[Refrão]  
 Disfarça e segue em frente  
 Todo dia, até cansar  
 E eis que de repente ela resolve então mudar  
 Vira a mesa  
 Assume o jogo  
 Faz questão de se cuidar  
 Nem serva, nem objeto  
 Já não quer ser o outro  
 Hoje ela é um também. (PITTY; MENDONÇA, 2009)

No refrão, a mulher da canção segue servindo ao propósito que lhe deram desde sempre e “disfarça”, não contestando, sendo este um sinal de insatisfação. Se calando e sendo calada, ela “segue em frente”, pois não pode parar, nem acha que pode demonstrar seu incômodo com a atual situação, então o evita e segue com seus afazeres incessantemente. Até que se cansa e deixa de aceitar o que lhe é imposto. Ela resolve, sozinha, mudar sua situação, saindo da passividade e passando a cuidar de si.

A expressão “de repente” normalmente remete a algo inesperado, porém foram mostrados sinais de que um dia isso aconteceria, no próprio uso do termo “Desconstruindo” e ao longo dos versos anteriores. E assim, começa a desconstrução de Amélia.

Perto dos versos finais desse trecho, foram usados termos pejorativos carregados de sentido como “serva” e “objeto”, remetendo ao contexto feminino de ser usada, não ter voz e nem ter sido considerada um ser pensante anos atrás. Ela foi criada para ser serva e objeto do homem e já não quer mais isso para si mesma. Essa mulher, então, se cansa de ser passiva e somente obedecer, passando a querer sua autonomia e direitos, sendo protagonista de sua própria vida, não mais vivendo totalmente em função de marido, filhos e casa.

Nos versos finais do refrão, existe uma referência muito forte ao que dizia Simone de Beauvoir, sobre a mulher ser “o Outro” em sua obra “O segundo sexo”, ficando sempre atrás do homem, em segundo lugar. Segundo a filósofa:

Nenhum sujeito se coloca imediata e espontaneamente como inessencial; não é o Outro que definindo-se como Outro define o Um; êle é posto como Outro pelo Um definindo-se como Um. Mas para que o Outro não se transforme no Um é preciso que se sujeite a esse ponto de vista alheio. (BEAUVOIR 1970, P.12)

Dito isto, a submissão da mulher sempre foi imposta pelo homem, que a deixava em uma situação passiva. Ela, por sua vez, não contestava e aceitava, por não ver outra opção. Agora, essa mulher moderna se cansou de ser “o Outro” e finalmente quer ser “Um”, libertando-se dessa passividade e suas amarras sociais.

[Verso 2]  
 A despeito de tanto mestrado  
 Ganha menos que o namorado e não entende o porquê  
 Tem talento de equilibrista  
 Ela é muitas, se você quer saber  
 Hoje aos trinta é melhor que aos dezoito  
 Nem Balzac poderia prever  
 Depois do lar, do trabalho e dos filhos  
 Ainda vai pra night ferver. (PITTY; MENDONÇA, 2009)

Após conquistar sua autonomia, a mulher moderna passa a ter mais acesso aos estudos, dedicando-se a eles, mas ainda se mostra insatisfeita e continua sua luta pela igualdade, vendo-se ainda presa ao patriarcado. Um dos obstáculos que existe hoje é a diferença no piso salarial entre homem e mulher, mesmo ambos exercendo o mesmo cargo.

Uma pesquisa do IBGE publicada em 2021 aponta que, em 2019, as mulheres receberam 77,7% do salário dos homens. Em cargos como diretoras e gerentes a diferença é ainda maior, sendo 61,9%. Toda essa diferença se torna ainda mais alarmante quando essa mesma pesquisa mostra que mais mulheres que homens haviam concluído o nível superior. (CNN BRASIL, 2021)

A mesma sociedade patriarcal, dita acima, ainda impõe a ela a obrigação de cuidar da casa e dos filhos, mesmo trabalhando, gerando a conhecida dupla jornada. É quando a mulher mostra seu “talento de equilibrista”, tendo que lidar com tantas obrigações e tarefas. Na frase, que analisada gramaticalmente seria considerada errada, “Ela é muitas”, há uma concordância distorcida e pode ser compreendida de diferentes formas. A primeira delas remete-se ao conceito de “mulher polvo”, que precisa realizar diversas tarefas simultâneas, necessitando de

mais braços, como o animal. A segunda forma se refere fato da mulher precisar cumprir várias funções ao longo do dia, como cozinheira, faxineira, mãe, etc.

Logo em seguida, há uma menção ao autor francês Honoré de Balzac que no ano de 1842 escreveu o romance *La Femme de trente ans* “A mulher de 30 anos”, obra esta que exaltava a mulher mais velha com sua maturidade. Essa referência nos versos da canção, ressalta que a mulher moderna é tão surpreendente que nem mesmo esse autor poderia ter imaginado onde ela conseguiu chegar.

Essa Amélia de Pitty, mulher moderna do ano de 2009, lidou e lida com muita coisa e ainda luta contra muitas amarras que a tentam segurar. Mesmo assim, e após cuidar “do lar, do trabalho e dos filhos”, se dispõe a cuidar de si mesma, saindo para se divertir e provando que pode.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após contextualizar e buscar a construção de sentido do vocábulo “Amélia”, fazendo uma ligação com a luta da mulher por autonomia em uma sociedade patriarcal, e tendo realizado uma análise com base na teoria da Semiótica narrativa e discursiva, da desconstrução de Amélia – que representa a mulher moderna na canção escolhida para compor o *corpus* do presente trabalho – foi possível observar que a mesma passou por uma construção de quem era essa mulher, para logo depois apresentar a sua desconstrução.

Mais de dez anos depois do lançamento da canção “Desconstruindo Amélia”, percebe-se que a mulher brasileira ainda vive em um grande processo de desconstrução contínuo que não terminará tão cedo, já que, mesmo com tantas conquistas, ela ainda tem muito pelo que lutar. Portanto, ainda que ela chegasse ao final desse percurso começariam outros, assim como estudado na Semiótica, já que essa análise é um processo de construção e desconstrução permanente.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ataulfo; LAGO, Mário. **Ai, que saudades da Amélia**. Rio de Janeiro: Odeon, 1942. Disco 48 RPM

ALVES, Bianca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. São Paulo: Atual, 1988.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: A Experiência Vivida**. Obra digitalizada, 4ª ed. SP: Difusão Europeia do Livro, 1970.

\_\_\_\_\_. **O Segundo Sexo: fatos e Mitos**. Obra digitalizada, 4ª ed. SP: Difusão Europeia do Livro, 1970.

CNN BRASIL. **Mulheres ganham 77,7% do salário dos homens no Brasil, diz IBGE**. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/business/mulheres-ganham-77-7-dos-salarios-dos-homens-no-brasil-diz-ibge/>>. Acesso em: novembro de 2021.

GREIMAS, Algirdas Julius. **Sobre o Sentido II**. Ensaio Semióticos. Petrópolis: Vozes, 1975.

GREIMAS, Algirdas Julius; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1979.

HJELMSLEV, Louis Trolle. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. Tradução J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 2006.

PAIS, Cidmar Teodoro. **Conceptualização, Denominação, Designação: relações**. In: Revista Brasileira de Linguística. Vol. 9. São Paulo: Plêiade, 1997.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PITTY; MENDONÇA, Martin. **Desconstruindo Amélia**. In: Chiaroscuro. Faixa 7. Prod. Rafael Ramos. São Paulo: Deckdisc, 2009.

PRADOS, Rosália Maria Netto. **Dos estados de alma da personagem: análise semiótica**. Revista *Lumen et Virtus*, v. 1, n. 2, p. 114-124, 2010.

PRIBERAM. **amélia**. In: Dicionário Online Priberam de Português. <<https://dicionario.priberam.org/am%C3%A9lia#:~:text=%5BInformal%2C%20Depreciativo%5D%20Mulher%20meiga%20e%20servi%C3%A7al.>>. Acesso em: setembro de 2021.

MICHAELIS. **amélia**. In: Michaelis *On-line*. <<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=am%C3%A9lia>>. Acesso em setembro de 2021.

YAHOO!ESPORTES. **Pitty: 'Não tenho nenhuma pretensão em ser porta-voz de nada'**. 2017. Disponível em: <<https://esportes.yahoo.com/noticias/pitty-apos-n%C3%A3o-tenho-nenhuma-145000387.html>>. Acesso em: outubro de 2021.